

**Braga 27 de março de 2026**

## **Conferencia MERCOSUL – resumo das comunicações**

Organizada pelo Grupo de Trabalho de Engenharia Agronómica da Ordem dos Engenheiros da Região Norte (OERN) com o apoio do Colégio de Engenharia Agronómica, a conferencia "Acordo de Comércio entre a União Europeia e os países do Mercosul" integrou a 58ª Feira Internacional de Agricultura, Pecuária e Alimentação de Braga e teve lugar no Fórum Braga no dia 27 de março de 2026.

A Conferencia foi aberta pelo **Eng.º Raul Jorge**, Presidente do Colégio Nacional de Engenharia Agronómica da OE (CNEA\_OE), que referiu a importância do evento, a qualidade dos oradores e realçou a boa articulação entre os órgãos regionais e os órgãos nacionais da Ordem dos Engenheiros (OE).

A introdução ficou a cargo do **Eng.º Bento Aires**, Presidente da OERN que lembrou que quando a União Europeia (EU) apoia a agricultura está a apoiar os consumidores que somos todos nós. Frisou que a missão da OE é assegurar à sociedade que pode ter a garantia que tem bons serviços, que pode confiar nos engenheiros. Destacou a importância do ensino e saudou os estudantes de Engenharia Agronómica ali presentes.

O conjunto das palestras que se seguiu foi moderado pelo **Eng.º Adelino Bernardo**, Coordenador do Grupo de Trabalho de Engenharia Agronómica da OERN e Vogal do CNEA\_OE. O Eng.º Bernardo saudou a assembleia, congratulou-se por a sala estar cheia e realçou a importância da presença de profissionais de diferentes setores em especial os responsáveis pela promoção e classificação do nosso Sistema Importante do Património Agrícola Mundial do Barroso.

**Eng.º Alcido Wander**, Doutorado pela Universidade de Gottigen na Alemanha e Investigador Sênior da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), apresentou o acordo como uma iniciativa estratégica que não se limita a uma negociação tarifária, num contexto marcado por instabilidade e preocupação com a segurança alimentar. Recordou que as negociações começaram em 1999 e que a UE é parceira tradicional do MERCOSUL numa complementaridade estrutural em que Mercosul é altamente competitivo na produção de alimentos e proteínas, enquanto a União Europeia se destaca em produtos agropecuários de alto valor agregado.

Segundo o Eng.º Wander o acordo tende a reduzir barreiras tarifárias e não tarifárias, ampliar previsibilidade regulatória e fortalecer a integração em cadeias globais de valor. O acordo impõe desafios, especialmente no que se refere à adequação a padrões ambientais e

sanitários que são cada vez mais exigentes e à necessidade de garantir que os requisitos de sustentabilidade sejam aplicados com previsibilidade e com base técnica. Para o Mercosul exportar para a UE exige um conjunto de provas de sustentabilidade como o desmatamento zero e a georeferenciação. De notar que os consumidores tendem a ver com bons olhos estas novas oportunidades.

A agricultura do Brasil abarca uma grande diversidade climática e usa tecnologia de intensificação que permite uma elevada capacidade de produção em culturas como soja, carnes, açúcar, café e milho. Mostrou que no Brasil o uso de bio-insumos tem crescido sendo cada vez mais os registados, tendência que se prevê continue com a crescente procura destes alimentos.

Apresentou os pontos de destaque para cada um dos países do Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai). Mostrou que o Brasil já exporta para a UE sendo este um mercado de alto valor. Nalguns casos a quantidade vendida à UE não vai aumentar com o acordo. Por exemplo a quota de carne de bovino é menor do que o que foi exportado para a UE nos últimos anos, isto é vai ter que baixar. Outro exemplo é o arroz em que a UE importou 300mil toneladas e a quota é 60mil. Para os pequenos produtores de grãos (40ha) vai ser difícil. O ganho depende dos apoios e da confiança institucional. Este acordo cria “uma avenida de oportunidades” para fazer colaborações técnicas.

Referiu ainda que o acordo prevê proteção de Indicações Geográficas (IG) europeias no Mercosul e que abre espaço para fortalecer IG sul-americanas que hoje são poucas.

**Arlindo Cunha**, Economista e doutorado pela Universidade de Reading no Reino Unido Professor na Universidade Católica, tem uma carreira publica amplamente conhecida, tendo sido Ministro da Agricultura e, mais tarde, Ministro das Cidades, Ordenamento do Território e Ambiente.

O Doutor Arlindo Cunha agradeceu a apresentação do Eng Alcido que muito bem explicou o que é o acordo e iniciou a sua comunicação organizada em 4 pontos: contexto, latitude, impactos e avaliação.

Ponto 1, contexto. Apenas nos anos 90 é que a UE despertou para um relacionamento mais estreito com a América do Sul sendo que o impulso dado por Portugal e Espanha com a sua entrada na UE foi determinante neste caminho.

O Mercosul nasceu na forma de uma união aduaneira, isto é, nasceu com grande ambição pois não se limitou a ser uma zona de livre comercio. Pouco depois do Mercosul se formar começaram as negociações com a UE. A necessidade da globalização diferenciada surge porque o comercio mundial é essencial para o desenvolvimento, mas tem de ser feito com regras.

No ponto 2, latitudes, referiu que o acordo comercial que estamos aqui a falar é apenas uma parte de um acordo de parceria que engloba investimentos, defesa, segurança, educação, ambiente, não discriminação fiscal, etc. O acordo comercial inclui o desmantelamento de tarifas, mas não se limita a isso. De notar que se trata de duas economias, UE e Mercosul, muito complementares havendo, contudo, alguns setores sensíveis como a carne de bovino e frangos. Para estes produtos sensíveis são criadas clausulas de salvaguarda, em que, quando se atingirem determinados limites a Comissão Europeia tem mecanismos para atuar. Foi também considerado o princípio da precaução assim como uma simetria de exigências de segurança alimentar, ambiente e bem-estar animal. Estes princípios estão a ser neste momento integrados na rotina do nosso comercio. Naturalmente que este acordo comercial, como qualquer acordo, tem riscos, mas este também tem travões.

No ponto 3, impactos, lembrou que os contratos são sempre assimétricos e que o acordo irá impactar mais nos setores onde há mais protecionismo. Nós iremos aumentar as exportações de diversos produtos incluindo frutas e produtos lácteos. Os impactos são assimétricos. Lembrou que na Europa a produção também é assimétrica e as ajudas da PAC também têm sido assimétricas.

No ponto 4, analise, disse que este acordo é ambicioso porque é de parceria política permanente com o Mercosul e isso inclui tudo o que são sistemas de governança. Estamos numa altura muito difícil. A UE que começou por ser uma união aduaneira, está hoje em risco. O mundo mudou muito e a UE tem de se afirmar como superpotência e para isso tem de fazer aliados, aliados que sejam fortes, e olhar para a América do Sul é muito importante, é vital.

#### **José Manuel Fernandes**, Ministro da Agricultura e Mar

O Eng.º José Manuel Fernandes, atual Ministro da Agricultura, tendo antes liderado, na UE, a delegação para as relações UE-Brasil, defendeu que o acordo beneficia Portugal. Com novas regras fitossanitárias e de controlo, este acordo ajuda a reduzir o défice agroalimentar, sendo muito positivo para a UE e para os países do Mercosul. Lembrou que Mercosul é um mercado de 270 milhões de pessoas, no Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Defende que precisamos de alargar os mercados e com este acordo ficam protegidos os nossos interesses e salvaguardamos os nossos objetivos em termos de segurança alimentar e ambiente. Referiu que é um desafio e uma oportunidade para Portugal e destacou os setores dos vinhos, queijos e azeites

Um acordo tem de ser um “win-win” e necessariamente implica desafios e traz também oportunidades. Este acordo traz estabilidade e previsibilidade. Mercosul não é América latina, mas sim Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Este acordo envolve uma população de mais de 800 milhões de pessoas.

Na UE somos menos de 6% da população mundial, temos um elevado PIB per capita e uma questão grave de natalidade. Precisamos de acordos como este que é um acordo que nos dá previsibilidade, mas também importa ter um chão comum de cuidado com as pessoas. Temos de ter um objetivo comum de reciprocidade.

A UE tem um superavit na agricultura e, também por isso, precisamos de mercados. Este acordo UE-Mercosul tem cláusulas, e os valores negociados são adequados: por exemplo no caso dos suínos o limite para a UE importar é equivalente ao que hoje se abate em Espanha num dia.

Para além disso temos as 36 IGP (Indicação Geográfica protegida) que se prevê venham brevemente a ser revistas de forma a acrescentar novas IGP.

Com este acordo temos produtos com grande potencial como o azeite e vinho. Está estimado que o impacto no nosso PIB possa ser superior a mil milhões de euros. A segurança alimentar é crucial e podemos reforçar essa segurança tendo parceiros fiáveis. Este acordo entrará em vigor, naquilo a que se refere o acordo comercial, em maio, mas o acordo político ainda exige a ratificação e é muito fácil haver uma desinformação que venha destruir tudo. Terminou acrescentando que o tema deve ser amplamente debatido e por isso importa haver mais fóruns como este.

**Vítor Gonçalves, Engenheiro Zootécnico pela UTAD, integra os quadros da PEC Nordeste, Indústria dos produtos pecuários do Norte e tem trabalhado na divulgação e valorização da marca de carnes de montanha de raças autóctones portuguesas.**

O Eng.º Gonçalves começou por caracterizar o mercado da carne de bovino, as divergências de consumo e as divergências de produção. Analisando os números da produção mundial de carne de bovino, constata-se que a UE produz cerca de 10% e o Brasil mais de 19%. Quanto à expressão de consumo, no consumo per capita, a EU aparece em 9ª posição, mas em consumo global está em 4ª. A UE exporta e importa, sendo que exporta mais. Neste ponto a situação de Portugal não está alinhada com a média da EU, uma vez que Portugal importa mais do que exporta.

Recordou que embora Portugal não seja autossuficiente na produção de carne, a Europa é, e como tal a entrada de mais produtos e mais baratos terá certamente impacto nos mercados. Este acordo pode motivar o aumento das importações e consequentemente o aumento da dependência alimentar e uma maior instabilidade de fornecimento. Lembrou que o consumidor tende a escolher o que é mais barato.

Hoje a UE importa mais do que está previsto no acordo, assim a quantidade não é o que nos preocupa. Todavia deve ser dada atenção ao compromisso sanitário. De notar que na UE temos muitos controlos incluindo o registo individual do animal e uma rastreabilidade total.

O preço médio de carcaça no Brasil é menos de metade do preço europeu e aí é que poderá estar o problema para os produtores europeus. O nosso produto terá de ser apresentado de forma que o consumidor não o troque pelo preço.

Lembrou que temos de nos diferenciar e referiu o interesse das Indicações Geográficas Protegidas (IGP) e a necessidade de incorporar mais produtos de carne de bovinos em IGP. Em resumo o Eng Gonçalves destacou o possível impacto do acordo no mercado da carne de bovino, o que constitui um desafio aos produtores europeus destacando o fator preço que, tendencialmente, é mais baixo nas carnes provenientes dos países do Mercosul.

**Frederico Barreiros Mota, do grupo Sonae “Clube de Produtores Continente” • "**

O Dr. Frederico Mota, referiu que o acordo UE–Mercosul é uma mudança estrutural e gradual, com impactos de longo prazo. Hoje há grande volatilidade nas cadeias comerciais por isso todas as medidas que possam trazer estabilidade são benéficas. O sucesso do acordo dependerá da sua implementação e do reforço da competitividade agrícola.

Afirmou que as preocupações do setor agrícola são legítimas, sobretudo nos segmentos mais expostos e que a sustentabilidade da cadeia alimentar depende do equilíbrio entre produção, distribuição e consumo. Lembrou que a abertura comercial só é positiva se respeitar padrões europeus e garantir concorrência justa e que os mecanismos de salvaguarda são relevantes, mas a sua eficácia dependerá da execução.

O Dr. Frederico Mota indicou a diferenciação como elemento a privilegiar e lembrou que a confiança assenta em qualidade, segurança alimentar, transparência e rastreabilidade. No clube de produtores promovem-se novas práticas como a agricultura regenerativa e a produção sem resíduos. E terminou afirmando que o verdadeiro debate não é sobre abertura e proteção, é sobre regular.

**Ana Aguiar**, Eng.<sup>a</sup> e vogal da CNEA da Ordem dos Engenheiros, apresentou o resumo das comunicações.

**Leonel Cunha e Silva, Eng e Delegado Distrital de Braga da OERN**

O encerramento ficou a cargo do Eng<sup>o</sup> Leonel que enalteceu a qualidade do evento e referiu que vivemos tempos diferentes e desafiantes e que a Europa tem de assumir um papel distinto, afirmar se, ganhar escala e fazer acordos como este.

A UE é vista pelo mundo como uma referência na regulação. A OE (e a engenharia) representa um papel essencial nesta área e será seguramente uma peça fundamental neste

acordo que, sabemos, coloca alguns desafios. Agradeceu, enquanto delegado distrital, aos oradores e ao Eng Adelino Bernardo principal organizador da Conferencia.